

# Novos caminhos para novos leitores: breve panorama da literatura contemporânea brasileira para crianças pequenas

*New ways for new readers: a brief overview on Brazilian contemporary literature for small children*

**Diana Navas**

Doutora em Letras – Literatura Portuguesa. Professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP - Brasil  
[diana.navas@hotmail.com](mailto:diana.navas@hotmail.com)

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo traçar um breve panorama da produção contemporânea brasileira destinada preferencialmente às crianças pré-leitoras. Almeja-se investigar quais as especificidades das obras endereçadas aos leitores no início do seu processo de formação, bem como apresentar alguns dos mais significativos autores e livros da atual literatura infantil brasileira. Discute-se, ainda, a importância do papel do mediador no processo de encontro dos pequenos leitores com os livros literários, encontro esse decisivo no processo de formação do pequeno leitor. As discussões empreendidas neste estudo fundamentam-se nas reflexões de Colomer (2002), Reyes (2010) e Zilberman (2003), e apontam para uma literatura marcada pela pluralidade e qualidade estética, que muito tem a contribuir com a formação da criança.

**Palavras-chave:** literatura infantil; pré-leitores; tendências; formação do leitor.

**Abstract:** The present study aims to present a brief overview of contemporary Brazilian production primarily addressed to pre-reading children. It aims to investigate the specificities of the works addressed to the readers who are at the beginning of their formation process, as well as to present some of the most significant authors and books of Brazilian children's literature. In addition, it's discussed the importance of the mediator in the process of allowing the meeting between very young readers with literary books, a decisive encounter in the process of very young reader formation. The discussions undertaken in this study are based on the reflections of Colomer (2002), Reyes (2010) and Zilberman (2003), and point to a literature marked by plurality and aesthetic quality, which has much to contribute to the formation of the children.

**Key words:** children's literature; pre-readers; tendencies; reader's formation.

E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?  
(José Samarago, *A maior flor do mundo*)

## 1 A literatura para pré-leitores no Brasil

Desde 1970, a literatura infantil tem ocupado de forma significativa seu espaço no cenário brasileiro. Essa informação parece inquestionável quando consideramos as obras literárias dedicadas a crianças a partir dos 6 anos, às quais, já alfabetizadas e, por isso, consideradas leitoras, são destinadas, a cada ano, inúmeras obras, as quais crescem constantemente não apenas em termos quantitativos mas também qualitativos.

Mas e quanto à produção destinada aos leitores mais jovens, aqueles que ainda não foram alfabetizados ou estão em processo de alfabetização? Teria essa produção a mesma força que sua congênere? Quais seriam suas especificidades? Quem seriam os seus principais representantes na contemporaneidade brasileira?

O presente estudo tem por objetivo refletir acerca dessas questões, buscando traçar um breve panorama da produção literária destinada preferencialmente às crianças entre 2 e 5 anos, as quais, de acordo com a categoria estabelecida por Nelly Novaes Coelho (1995, p. 16), são consideradas como pré-leitoras. Almeja-se investigar quais as especificidades das obras destinadas a esses leitores na contemporaneidade, bem como apresentar autores e livros de destaque nesse cenário.

Iniciemos observando que, de acordo com a *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 3* (2011), promovida pelo Instituto Pró-Livro, não são consideradas leitoras crianças que não leem *stricto sensu*, haja vista que assim a pesquisa define leitor e não leitor: “Leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses. Não leitor é aquele que não leu nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos doze meses” (FAÍLLA, 2012, p. 256). A partir dessa definição, as crianças não alfabetizadas não seriam leitoras, o que já aponta para uma desvalorização – bastante equivocada – da produção destinada a esse público.

Tal desvalorização está associada ao fato de a literatura infantil apresentar uma forte relação com a escola. Os livros para as crianças bem pequenas, até

1970, em nosso país, tinham uma produção tímida e circulação restrita. Foi apenas com a ampliação da Educação Infantil e o crescimento do número de crianças em creches e pré-escolas que se assistiu a um aumento da produção editorial para os pequenos leitores, a qual, no entanto, ainda se apresenta muito menor quando comparada à sua congênere – a literatura destinada às crianças já alfabetizadas.

Essa afirmação pode ser corroborada se considerarmos o número de livros inscritos para o edital do PNBE (Plano Nacional Biblioteca Escolar) em 2014. Observamos que são aqueles destinados para os anos iniciais do Ensino Fundamental (crianças entre 6 e 8 anos) que recebem o maior número de inscrições. Por outro lado, a inscrição é muito pequena para livros destinados às crianças de 0 a 3 anos – apenas 3% – o que evidencia a pouca produção editorial que há para esse segmento, ainda não contemplado de forma efetiva pelas editoras, o qual, no entanto, é de suma importância no processo de formação leitora, visto que, desde a creche, a criança merece oportunidades de contato com livros adequados para a idade, que promovam a sua entrada no mundo da escrita (BRASIL, 2014, p. 13).

É válido, neste aspecto, explicar, no entanto, que uma das normas do edital do PNBE, a de que “as obras que demandam manuseio pelas crianças (...) deverão, obrigatoriamente, conter o selo do INMETRO”, pode contribuir como um inibidor de inscrições, já que a produção desse tipo de material exige uma tecnologia mais cara, o que, infelizmente, também acaba, muitas vezes, por desviar os investimentos de outras características importantes desse livro, dentre elas, a própria qualidade estética.

A isso se soma o desconhecimento, por parte de autores e editores, das especificidades da própria literatura destinada a pré-leitores. Muitos deles ainda produzem livros em que a literatura revela-se fortemente relacionada a uma concepção de infância que busca satisfazer, principalmente, a uma função educativa, ignorando o prazer e a sensibilidade despertados pela leitura literária. Analisando as obras inscritas nos editais destinados à escolha de acervos para as bibliotecas infantis, percebe-se a concepção de infância que limita o olhar para uma criança escolarizada. Esta relação histórica entre os produtos para a infância que têm o pedagógico como parâmetro continua presente e, muitas vezes, impossibilita o acesso das crianças à arte por meio de livros:

E até hoje a literatura infantil permanece uma colônia de pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos; não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença do objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança. (ZILBERMAN, 2003, p. 15)

Nota-se, assim, na produção preferencialmente endereçada aos pequenos e futuros leitores, uma tensão: de um lado, podemos encontrar obras que se alinham às capacidades criadoras e, de outro, obras que insistem em tutelar esse potencial e que pouco investem no aspecto estético:

São muitas as tensões e contradições subjacentes às obras destinadas às crianças. Hoje há um número significativo de livros que instigam as crianças, as fazem se deslocar, se surpreender, se emocionar. Há autores, ilustradores e editores que apostam na capacidade das crianças, que sabem o quanto elas são indomáveis nas suas formas peculiares de significar os textos; que estão atentos à qualidade do texto verbal, das ilustrações, da abordagem dialógica dos temas que perpassam a vida e não apenas um suposto universo infantil. Estes conseguem colocar no mercado obras que são frutos de uma visão crítica de infância e de luta a contrapelo de um empobrecimento da linguagem, mas há os que insistem em manter a tutela e não fazem da tradição algo produtivo e transformador e há, ainda, os que se rendem às facilidades da cultura de massa, ao empobrecimento da experiência humana e à alienação de uma linguagem rasa e abordagens banais. (CORSINO, 2014, p. 8)

É evidente que a literatura infantil carrega consigo um ideal pedagogizante, desejando instruir ao mesmo tempo em que deleita. No entanto, o plano estético não pode ser legado a segundo plano em razão das especificidades da produção destinada aos leitores mais jovens, ou seja, não se pode ignorar os critérios de qualidade estética que permeiam o processo literário na seleção de livros para a primeira infância.

O livro deve, assim, constituir-se como mais um elemento de acesso à cultura e à arte, ofertado desde os primeiros anos da vida da criança pelo adulto. Dentre as razões que nos permitem defender o encontro precoce da criança com o livro estão, principalmente, dois: contar com bons livros permite-nos observar as crianças em atuação, possibilitando-nos reconhecer seus gostos e interesses e alimentar uma revisão permanente da intervenção cultural que em termos de cultura escrita semeamos; e, ainda, a leitura oferece recursos de encontro e conversas através dos livros, favorecendo o desenvolvimento da linguagem e do pensamento. Além disso, o acesso a bons livros possibilita à criança aprender a ser empática, a colocar-se no lugar de outras pessoas, em outros lugares, bem como aprender a descobrir o significado de comprometer-se emocionalmente e descentrar-se de si mesma, capacidades estas importantes desde a mais tenra idade.

La literatura infantil ofrece un itinerario de aprendizaje a sus lectores, pero creemos que ello no significa que los niños tengan que esperar a llegar a algún punto determinado de su formación para poder tener una experiencia literaria 'en presente'. Por el contrario, es su participación en un acto de comunicación literaria lo que les permitirá avanzar por esse camino. (COLOMER, 2002, p. 12)

Esse encontro entre os pequenos e os livros, possibilitado pela presença de um mediador, deve ser permeado de elementos que também estão presentes no universo infantil, tais como o afeto, a linguagem, a imaginação, a memória.

Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí a literatura ser próxima da criança. Possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é garantir a presença de tais elementos que inauguram a vida como essenciais para o seu crescimento. Nesse sentido, é indispensável a presença da literatura em todos os espaços por onde circula a infância. Todas as atividades que têm a literatura como objeto central serão promovidas para fazer do país uma sociedade leitora. Se é um projeto literário, é também uma ação política por sonhar um país mais digno. (QUEIRÓS, 2009, s/p)

São os livros permeados pela qualidade estética e, preferencialmente, endereçados a crianças entre dois e cinco anos – as quais estão no início do processo de formação leitora – que nos interessa aqui investigar. Obras que, assim como a literatura dita “adulta”, incluem todos os elementos de qualquer ciclo do livro, mas com um elemento a mais: os adultos que leem para as crianças. Desta forma, estamos a refletir sobre obras que, com o auxílio de um mediador, revelam-se de grande valia para o processo de formação desse potencial leitor em processo de iniciação no universo da leitura literária. Destacamos, no entanto, que, ainda que estabeleçamos esta faixa etária, compreendemos que a literatura – enquanto arte da palavra – não se restringe a características etárias, podendo alcançar diferentes públicos.

Diante do intento de traçar um, ainda que breve, panorama da produção contemporânea destinada preferencialmente aos pequenos leitores, optamos, em nossa seleção, por priorizar – ainda que não assumindo como critério exclusivo – livros que foram premiados pela FNLIJ (Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil) e/ou que receberam o selo de “altamente recomendável” por esta mesma instituição, bem como aqueles que foram selecionados pelo PNBE (Plano Nacional Biblioteca Escolar) para compor o acervo das escolas públicas brasileiras entre os anos 2000 e 2015. A partir dessa seleção, intentamos delinear algumas das principais marcas da produção literária destinada aos pré-leitores e destacamos alguns dos autores e obras significativos na contemporaneidade.

## 2 Tendências contemporâneas da literatura para pequenos leitores

As obras destinadas aos leitores em processo de iniciação no universo da leitura enquadram-se em diferentes categorias. Deparamo-nos, por exemplo, com os livros informativos, materiais que oferecem às crianças mais perguntas do que respostas, o que é feito no intento de alimentar sua curiosidade natural sobre o funcionamento do mundo, das coisas, das pessoas. Dentre as temáticas neles presentes, destacam-se: a natureza, o corpo, os números e as formas, os objetos e seu funcionamento, as palavras, entre outros. Como exemplo desse tipo de produção, temos a obra *Pedrinho, cadê você?* (2011), de Sonia Junqueira, na qual um menino se esconde e a mãe começa um jogo de “achar as partes do

corpo”, enumerando-as e, por meio da brincadeira, ensinando à criança as partes de seu corpo.

Ao lado dos livros informativos, encontramos aqueles em que as narrativas são construídas exclusivamente por imagens. Essa tendência, que tem florescido nos últimos anos, conta, em território brasileiro, com ótimas obras a serem exploradas, exigindo do leitor – seja ele o adulto ou a criança – a capacidade de observar, refletir e criar narrativas a partir das imagens. Exemplo desse tipo de produção é *A pipa* (2011), de Roger Mello, na qual o ilustrador, por meio de uma história que é, essencialmente, um poema imagem, confronta coisas pouco semelhantes – guerra e sonho, poder e leveza –, convidando o pequeno leitor a criar diferentes narrativas a partir das imagens propostas pelo autor/ilustrador.

O livro-álbum, por seu turno, apresenta-se como uma produção bastante apreciada pelas crianças. Este compreende uma totalidade integrada por todas e cada uma de suas partes – capa, guardas, tipografia, imagens – desenhadas como uma sequência e cujas relações internas são cruciais para a compreensão do livro. Nesse tipo de obra, as relações entre palavras e ilustrações são muito variadas e podem ir desde uma relação de óbvia congruência até a mais irônica, na qual as palavras e as imagens parecem transmitir mensagens contraditórias.

Independentemente da categoria a que pertençam, interessa-nos, aqui, os livros que primam pela qualidade estética, caracterizando-se pelo cuidadoso trabalho *com e na* palavra.

Si merece el nombre que tiene, si es literatura, entonces es un universo de palabras con ciertas reglas del juego propias: un universo de palabras que no nombra al universo de los referentes del mismo modo como cada una de las palabras que lo forman no nombraría en otro tipo de discurso: un universo de palabras que, sobre todo, se nombra así mismo y alude, simbólicamente a todo lo demás. (MONTES, 2001, p. 17)

Diferentemente do que se poderia imaginar, escrever para crianças não é tarefa fácil. Apesar da pouca idade, estamos diante de leitores exigentes, que precisam ser seduzidos pelo livro, um objeto que valoriza, na contemporaneidade, o diálogo entre texto, ilustração e aspectos gráficos, em um processo de coautoria. De diferentes gêneros – prosa, poesia, teatro, cantigas, mitos etc. –, observa-se que

os livros destinados aos pequenos leitores apresentam alguns traços recorrentes, os quais são destacados por Serra (2015):

- a) Sonoridade, ludicidade e repetição – a brincadeira sonora, que se faz presente na palavra cantada das cantigas ou na literatura oral, constituiu-se como elemento recorrente na produção infantil, por meio de repetições, rimas e aliterações.
- b) Ilustrações – apesar de muito recorrentes e comunicativas –, visto dizerem com imagem, traços e cores – ainda não apresentam consenso quanto ao tipo de ilustração que mais interessa aos pequenos leitores. Muitos livros a eles destinados apresentam traços simplificados, contornos nas imagens, falta de perspectiva, poucos elementos nas páginas, características essas que tem sido apontadas na área do *design* gráfico como adequadas à leitura dos pequenos. Entretanto, há crianças que observam as fotografias e nelas identificam pessoas, animais, e há, ainda, muitas que se interessam por livros com detalhes de traços e cores, de modo que não podemos generalizar a preferência ou adequação de um determinado tipo de ilustração. O que se deve ressaltar, no entanto, é que a simplicidade mencionada não pode ser confundida com simplificação.
- c) Relação texto e imagem – esta relação tem papel importante na elaboração de um projeto de um livro infantil. Obras de qualidade não simplificam a relação entre as duas linguagens.
- d) A materialidade do livro – em se tratando de pequenos leitores, o cuidado com a segurança é de fundamental importância na elaboração de um livro, haja vista que a criança tem a necessidade de experimentá-lo em sua materialidade, com seu corpo. A questão das habilidades motoras, o interesse pelo movimento, a curiosidade de como as coisas são feitas, são traços inerentes à infância, e se constituem em desafios para quem produz livros para crianças. O livro, com sua dimensão lúdica, em termos de conteúdo e forma, deve se constituir em um objeto que a criança pode levar para onde quiser, sentar em cima, entrar nele e, assim, inventar um mundo de possibilidades que o livro contém.
- e) Tipo de letra empregado – a letra é relevante na relação forma e conteúdo do objeto livro, como parte de seu dizer e de sua estética, não porque fica mais fácil para a criança aprender a ler, como sugerem alguns professores

e pesquisadores. Há vários tipos de letras que se prestam a funções diversas no contexto da obra. Da mesma forma, há também regras de uso de letras maiúsculas e minúsculas, de sinais de pontuação, de espaçamento e partes em branco. Todos esses elementos dialogam e estão intrinsecamente relacionados ao conteúdo. A letra em si precisa ser legível, pois as crianças vão penetrando no fluxo da comunicação verbal, alimentando-se dos significados que aqueles sinais são capazes de fazer emergir. Mais do que a letra, importa o que está por trás de seu conjunto.

## 2.1 Como e o que contam as narrativas brasileiras aos leitores iniciantes?

Em termos temáticos, a observação do conjunto de obras selecionadas como *corpus* deste estudo sugere que os livros destinados às crianças de dois a cinco anos oferecem temáticas distintas de décadas anteriores, surgindo, nestas, novos motivos que preocupam a sociedade atual, tais como o meio-ambiente e a interculturalidade. Tais obras tendem a evitar estereótipos, o didatismo e o moralismo como ocorria normalmente em obras tradicionais, trazendo temas que, até então, eram considerados tabus, como é o do menor abandonado, a separação dos pais, os preconceitos, a morte, problemas familiares. Isso, no entanto, é feito de forma sensível e delicada, adequando-se ao leitor em processo de formação.

Este é o caso, por exemplo, de *O jogo de amarelinha* (2007), de Gabriela Bozano Hetzel, obra que narra a morte da mãe da protagonista e a aceitação de sua madrasta. A tristeza, em virtude da ausência da mãe, figura na narrativa, assim como a saudade, a não aceitação da morte e a presença da madrasta. Poeticamente, através do conhecido jogo da amarelinha, a possibilidade de diálogo entre a menina e a madrasta vai sendo construída, por meio de um texto altamente imagético e metafórico, como é próprio da poesia:

A menina caminha dura ao lado da madrasta, a mão pendendo frouxa do seu braço. Caminham mudas, nada têm a dizer. De repente, um açude. No virar da curva, antes da memória, o olhar de Letícia encontra seu espelho verde, sereno. E Clara volta, está lá,

não está em céu nenhum, sua risada ecoa no açude e o peito de  
Letícia lateja de dor. (HETZEL, 2007, p. 11)

A narrativa, que se desenvolve no processo de expurgo e simbolização da perda da mãe e na atenção e presença da madrasta na tentativa de diálogo e de aceitação, caminha para uma saída marcada pela manifestação de alegria renovada e prazer diante da vida, revelando como traço significativo do texto a presença da linguagem poética nesse processo de simbolização.

*Pedro e lua* (2003), de Odilon Moraes, constitui-se em outro exemplo do tratamento de temas árdios. Considerado o “Melhor Livro do Ano para Crianças” de 2004 pela FNLIJ, a obra trata da improvável amizade entre um menino e uma tartaruga e a busca de sua identidade. O menino Pedro, fascinado pelos mistérios da noite e das estrelas, fica encantado quando descobre, nos livros, que a Lua, que ilumina a noite, é um satélite feito de pedra, e que seu próprio nome significa “o de pedra”. O personagem passa a achar, então, que as pedras que encontra por aí são fragmentos lunares e, em companhia de sua tartaruga de estimação, chamada Lua, vai inventando toda uma cosmologia particular. Repleto de metáforas e simbologias, o livro apresenta um personagem extremamente sensível e motivado pelas emoções humanas. A história tem como assunto central a saudade e a solidão, e como lidamos com o que está fadado a viver longe de nós. Nela, imagem e texto alcançam uma harmonia perfeita na qual a simplicidade do traço — o frescor de um esboço — aliada à poesia das palavras compõem o relato de uma amizade. É válido observar que o fascínio dessa história salta das páginas para a capa do livro, na qual um verniz fosforescente faz o volume brilhar no escuro.

Temas como a questão dos gêneros e da diversidade são também trazidos para a discussão nas obras destinadas aos pequenos leitores. Este é o caso de *O Menino que Brincava de Ser*, com autoria de Georgina da Costa Martins e ilustrações de Pinky Wainer. O livro conta a história de Dudu, um menino de seis anos que adorava brincar de ser fada, princesa e, principalmente, bruxa. Os pais consideram seu comportamento anormal e tentam descobrir como mudar isso. Com a ajuda da avó, Dudu, no entanto, consegue superar os obstáculos e continuar brincando de ser e de sonhar.

Ao lado de temas tabus, figuram também aqueles que abordam situações do cotidiano infantil, promovendo a aproximação do pequeno leitor com as situações narradas. *Você não vem brincar?*, de Ilan Brenman, com ilustrações de Carlo

Giovani, é exemplo disso. A narrativa gira em torno do convite feito a Pedro para abandonar os aparelhos eletrônicos e juntar-se à família para as brincadeiras do mundo real. É também exemplar desta vertente *Gabriel, já para o banho* (2009), do mesmo autor, com ilustrações de Silvana Rando, obra que, como sugere seu título, traz a dificuldade de convencer os pequenos a tomarem banho e, depois, a saírem do chuveiro.

No tocante à arquitetura e construção da produção literária destinada a crianças pequenas na contemporaneidade, destaca-se a recorrência à intertextualidade – por meio da mistura de linguagens, estilos e gêneros textuais – e ao uso da metalinguagem, com a linguagem constituindo-se, inclusive, como tema de algumas obras. Nesta vertente, podemos destacar a produção de Eva Furnari que, dentre vários livros que brincam com as palavras, publicou *Zig Zag* (2006), um divertido jogo de palavras. Nela, expressões comuns como “cabelo amarrado” ou “sofá florido” são desmontadas e recicladas com a simples troca dos adjetivos: “cabelo florido” e “sofá amarrado”. A troca gera uma infinidade de possibilidades, algumas bem absurdas como “bolsas carnívoras”, “relógios cabeludos” e “dragões loiros”, promovendo, de forma lúdica, a reflexão acerca da própria construção da linguagem.

*ABC doido* (2010), de Ângela Lago, pertence a esta vertente. Nele, a autora lança adivinhas que brincam com as letras do alfabeto, ao lado de ilustrações lúdicas e modernas que atraem as crianças.

*De Letra em Letra* (2004), de Bartolomeu Campos de Queirós, com ilustrações de Elisabeth Teixeira, é também exemplar de como as letras e as palavras transformam-se em matéria-prima para a construção de um livro que é, essencialmente, um abecedário na forma poética. A obra apresenta as letras do alfabeto, através de versos e ilustrações, com cada página caracterizando uma cena e uma ação. Os versos de cada página são compostos por palavras que se iniciam com a letra em questão, a qual, inclusive, aparece visualmente de forma sutil na ilustração, incorporada ao desenho.

Com A

Alice abraça ave, água, amora.

Alice aprecia asas e aves

Adora azuis e águas

Amas amoras e árvores (QUEIRÓS, 2000, s/p)

As obras endereçadas preferencialmente aos pequenos leitores na atualidade caracterizam-se, também, pela presença do humor e da irreverência, da aventura e do suspense. Evidencia-se nelas um aprofundamento estético no texto literário, na construção da voz narrativa que procura estabelecer pontes entre a perspectiva do adulto e da criança, bem como um apelo à imaginação e um incentivo à construção de um leitor crítico. O humor, por exemplo, pode ser facilmente notado em *Quem soltou o Pum?* (2010), de Blandina Franco e José Carlos Lollo, narrativa na qual, em virtude do nome do cachorrinho – Pum – gera-se uma série de trocadilhos e a criação de frases hilárias.

Meu melhor amigo é o Pum.

Nada me deixa mais feliz do que soltar o Pum.

Mas às vezes as pessoas olham feio para mim porque o Pum faz barulho e atrapalha a conversa dos adultos. (FRANCO; LOLLO, 2010, pp. 5,6,9)

A participação efetiva do leitor na (re)construção da narrativa é outro aspecto notável nas obras contemporâneas. Em *Listas Fabulosas* (2013), Eva Furnari, de forma lúdica e divertida, oferece ao pequeno leitor inusitadas listas do Clube das Listas, convidando-o a participar também na elaboração de suas próprias. O caráter lúdico da narrativa pode ser evidenciado claramente em sua contracapa, na qual, em forma de um diagrama, sugerem-se recomendações para a leitura do livro:

1. Escolha se vai começar pelo começo ou pelo fim.
2. Abra o livro.
3. Leia as palavras e olhe os desenhos.
4. Se você não estiver gostando, leia de olhos fechados.
5. Evite falar mal dos personagens.
6. Se for falar mal, faça com jeito, eles são sensíveis.
7. Se você tiver vontade de fazer listas e morar na cidade de Xarope, passe na rua do Muxoxo n.05 e fique sócio do Clube das Listas. (FURNARI, 2013)

A retomada dos clássicos universais, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras,

constitui-se também em traço marcante das obras destinadas aos leitores em processo de formação. A revisitação dessas histórias, mais do que contar com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, aponta para a recorrência à paródia ou para a desconstrução, seja por meio do humor, seja pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos, atribuindo o olhar da atualidade à tradição.

Este é o caso de *Que história é essa?* (2000), de Flávio Carneiro, com ilustrações de Daniel Kondo (vol.2), obra que já conta com três volumes, e na qual o autor retoma os contos de fadas e histórias tradicionais, valendo-se, no entanto, do recurso de transformar um personagem secundário em personagem principal, às vezes conferindo-lhe a tarefa de ser também o narrador. Assim, nessa homenagem aos personagens secundários dos contos de fadas, quem narra a história da Bela Adormecida é um dragão que come salsichas, enquanto a história de Chapeuzinho Vermelho é contada pelo caçador. Incluindo, em alguns contos tradicionais, personagens que não aparecem na versão original, o autor enfatiza o aspecto lúdico associado à leitura e à arte de contar histórias, convidando o pequeno leitor a conhecer outras versões e personagens dos contos já conhecidos.

A paródia é também o recurso de que se vale Ana Maria Machado, em *A princesa que escolhia* (2012), obra com ilustrações de Mariana Massarini, e que recebeu o selo de Altamente Recomendável pela FNLIJ. Nesta obra, em um reino não muito distante, moderno e computadorizado, uma princesa rompe com o estereótipo de menina muito boazinha, obediente e bem-comportada, a qual, presa em uma torre, descobre várias pessoas, animais, personagens, livros, histórias e princípios que mudariam a sua vida. Divertida e encantadora, a narrativa de Ana Maria Machado revive o melhor dos contos de fadas, levando o leitor a uma fantástica viagem pelo mundo da leitura, com a versão tradicional dos contos de fadas sendo subvertida pelo olhar contemporâneo.

Constata-se, ainda, na atual produção brasileira, a presença de obras que conferem nova roupagem ao nacionalismo, através da busca das vozes típicas da mestiçagem brasileira, em especial o negro e o índio, havendo, nesse sentido, uma rica revisitação de nosso folclore. Insere-se, nesta vertente, obras como *O Mundo de Tainá – uma aventura em Tupituguês* (2013), de Cláudia Levay, com ilustrações de Isabel de Paiva. A narrativa centra-se em duas meninas, Tainá

– indiazinha que vive na Amazônia – e Laura, que vive na cidade grande, mas se perde na floresta, perto da aldeia de Tainá. Ao tentarem se entender, as duas inventam uma brincadeira: encontrar palavras de origem tupi que fazem parte da língua portuguesa. Neste livro, elas explicam o significado de cada uma dessas palavras, com verbetes cheios de informações curiosas, além de apresentarem lendas da Amazônia relacionadas a esses termos, resgatando, assim, a cultura indígena.

*Saci – a origem* (2016), de Ilan Brenman, também revisita o folclore brasileiro. Nele, o autor conta a origem desta tão conhecida e querida figura folclórica entre os brasileiros e desafia um ilustrador espanhol – Raul Guridi – a fazer sua própria versão do Saci, recuperando nossa tradição e oferecendo aos leitores a visão do outro acerca de nossa cultura.

Ao lado dessas produções, observa-se a presença de obras de reconto, as quais trazem traduções, adaptações ou mesmo o simples revisitar dos clássicos da literatura infantil ou de contos da tradição oral. Neste último caso, insere-se *Histórias à brasileira – a moura torta e outras* (2002), obra que reúne dez histórias orais de nosso país recontadas por Ana Maria Machado, com ilustrações de Odilon Moraes, possibilitando ao jovem leitor conhecer histórias da tradição por meio de uma linguagem contemporânea e belas ilustrações. No tocante aos clássicos, pode-se mencionar *Ruth Rocha reconta O patinho feio*, com ilustrações de Avelino Guedes, a qual integra uma série intitulada “Conta de novo”, que reúne alguns dos mais populares contos, recontados de maneira simples, mas encantadora, de forma que as crianças bem pequenas possam acompanhar a narrativa. Nela, as ilustrações e o formato grande do livro criam um clima especial, envolvendo ouvintes e leitores no mundo mágico criado por essas histórias.

A poesia infantil também se insere no cenário literário contemporâneo, desligando-se do enfoque cívico-pedagógico, e ganhando dimensões significativas, seja na forma do poema, da prosa poética ou da narrativa em versos, muitas vezes em ritmos populares como o cordel, por exemplo. Nesta linha, encontramos *Cores em Cordel* (2012), de Maria Augusta de Medeiros, obra na qual a poetisa contempla os pequenos leitores com uma singela descrição das cores. Iniciando por aquela que é a ausência de todas elas – o branco – os versos conduzem-nos a viajar pelas cores primárias e suas composições que formam as secundárias e terciárias, aliando o cordel às ilustrações do artista gráfico Gilberto Tomé.

Quando chega a primavera,  
Parece até que pintores,  
Retocando a natureza,  
Pintaram múltiplas flores  
E convidam nossos olhos  
Para uma festa de cores. (MEDEIROS, 2012, p. 08)

*Em cima daquela serra* (2013), poema de Eucanaã Ferraz ilustrado por Yara Kono, estabelece o jogo com uma parlenda muito conhecida pelas crianças: “Por detrás daquele morro,/ passa boi, passa boiada/ também passa moreninha/ de cabelo cacheado”. Assim como na parlenda, em seu texto, além de passar boi e passar boiada, outros bichos e outras coisas andam por aquele morro — uma égua pintada, goiaba e goiabada, carro e caminhão, balão colorido e avião, e, às vezes, até não passa nada, senão o próprio tempo.

*Grandes poemas em bocas miúdas* (2002), organizado por Laura Sandroni e Luiz Raul Machado, por seu turno, constitui-se em uma caixinha que traz 16 pequenos livros repletos de poesias escritas por importantes autores brasileiros: Ferreira Gullar, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Lêdo Ivo, Mário Quintana, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, entre tantos outros, todos com ilustrações baseadas em cada poema, oferecendo ao pequeno leitor o contato com grandes nomes da poesia brasileira.

É válido ressaltar, neste panorama, que se constata um número bastante significativo de traduções, seja de obras mais antigas ou contemporâneas. É o caso, por exemplo, de *Se eu fosse você* (2010), de Richard Hamilton e ilustrações de Babette Cole, traduzido por Heloísa Jan; *A velhinha que dava nome às coisas* (2013), de Cynthia Rylan, ilustrado por Kathryn Brown e traduzido por Gilda de Aquino; ou ainda de *Um porco vem morar aqui* (2000), escrito e ilustrado por Claudia Fries e traduzido por Gilda Aquino, contando com as belas aquarelas da autora. É válido observar a presença marcante de autores internacionais também no que se denomina de livro-brinquedo; grande parte das obras desse tipo, às quais as crianças pequenas têm acesso, não é de escritores brasileiros.

Como pode ser observado, as obras endereçadas preferencialmente ao leitor em seu início de processo de formação leitora é marcada pela pluralidade e qualidade estética. Um aspecto bastante importante de atenção, no entanto, em se

tratando dessa literatura para leitores muito jovens, é a necessidade da presença do adulto como mediador dessa relação quando se deseja ir além do manuseio de livros. Conforme sugere Reyes (2010), trata-se de um Triângulo Amoroso, no qual o adulto, além de proporcionar o acesso da criança ao livro, também se beneficia ao estreitar vínculos com as gerações mais novas. Além disso, os critérios de escolha dos livros, por parte dos adultos, são fundamentais para dar acesso à diversidade e à qualidade das produções aos mais jovens leitores. Aqui, vale ressaltar a importância do processo de formação do professor, haja vista ser ele um dos responsáveis – e, muitas vezes, o único – por ler *com* e *para* as crianças, acolhendo os significados produzidos, ampliando-os e provocando-os, abrindo espaços de significação e liberdade. Cabe, assim, ao adulto, no momento da leitura, estar sensível aos movimentos da criança, respeitar a cadência própria de cada uma, entender que a literatura dispensa explicações e que a compreensão da criança chega em partes e por partes.

### 3 (In)conclusões

A partir dessa breve exposição, observa-se que a atual literatura brasileira destinada aos pequenos leitores, ainda em processo de construção e, muitas vezes, considerada de menor valor ou relevância justamente por não estar diretamente relacionada a uma função escolar, conta com vários livros de qualidade estética a serem explorados.

A pluralidade de gêneros oferecida, as temáticas variadas, o trabalho *com* e *na* linguagem, a presença de variados tipos de ilustrações, a recorrência ao humor, à fantasia e ao imaginário são apenas alguns dos traços presentes nas produções destinadas preferencialmente aos leitores iniciantes. Trata-se, como podemos observar, de obras em que o conteúdo pedagógico não deixa em segundo plano a preocupação estética e que, justamente por isso, são capazes de atrair e cativar os leitores iniciantes.

O acesso das crianças, desde muito pequenas, a essas obras pode, certamente, contribuir de forma decisiva para o processo de formação da criança – não apenas enquanto leitora, mas como ser humano – por meio da imaginação, da fantasia e do acesso ao trabalho com a linguagem escrita e visual, tornando-se, assim, um direito que a elas deve ser concedido por pais e professores.

---

## Referências

### Teóricas

- BRASIL. *PNBE na escola: literatura fora da caixa* / Ministério da Educação; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. [Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014]. 3v. Guia 1 : Educação Infantil . Disponível em: [www.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task](http://www.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task). Acesso em 27/02/2017.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: Séculos XIX e XX*. 4.ed.rev.e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- COLOMER, Teresa. *Siete Llaves para valorar las historias infantiles*. Madrid: Papeles da Fundacion Germán Sanches Ruipérez, 2002.
- CORSINO, Patrícia. *Travessias da Literatura na Escola*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014 .
- FAÍLLA, Z. (org.) *Retratos da Leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Instituto Pró- Livro, 2012.
- FARIAS, Juan. *Apuntes para uma conferencia sobre literatura infantil*. Lectura sobre lectura/9. México: Conaculta, 2004.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MONTES, Graciela. *El corral de la infancia*. México, FCE, 2001.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *A Infância e o Livro*. Biblioteca Virtual ECOFUTURO, 2009. Disponível em: <http://blog.ecofuturo.org.br/a-infancia-e-o-livro-bartolomeu-campos-de-queiros>. Acesso em 10/01/2017.
- REYES, Yolanda. *A casa imaginária, Leitura e Literatura na primeira infância*. São Paulo: Global Editora, 2010.
- SERRA, Maria Beatriz de Almeida. *Livros de literatura para bebês e crianças pequenas: concepções de autores e editores brasileiros premiados*. 2015. 112p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na escola*. 11.ed.rev., atual e ampl. São Paulo: Global, 2003.

### Ficcionais

- BRENMAN, Ilan. *Gabriel, já para o banho*. Ilustrações Silvana Rando. São Paulo: Brinque Book, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O saci – a origem*. Ilustrações Raul Guridi. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Você não vem brincar?* Ilustrações Carlo Giovani. São Paulo: Brinque Book, 2016.
- CARNEIRO, Flávio. *Que história é essa?* Vol.2. Ilustrações Daniel Kondo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.
- FERRAZ, Eucanaã. *Em cima daquela serra*. Ilustrações Yara Kono. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.

- FRANCO, Blandina; LOLLO, Carlos. *Quem soltou o Pum?* São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.
- FRIES, Claudia. *Um porco vem morar aqui*. Tradução Gilda Aquino. São Paulo: Brinque Book, 2000.
- FURNARI, Eva. *Listas fabulosas*. São Paulo: Moderna, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Zig zag*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2015.
- HAMILTON, Richard. *Se eu fosse você*. Ilustrações Babette Cole. Tradução Heloísa Jan. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.
- HETZEL, Gabriela Bozano. *O jogo de amarelinha*. Ilustrações Elisabeth Teixeira. Rio de Janeiro: Manatti, 2007.
- JUNQUEIRA, Sonia. *Pedrinho, cadê você?* São Paulo: Autêntica, 2011.
- LAGO, Ângela. *ABC doído*. São Paulo: Melhoramentos, 2010.
- LEVAY, Claudia. *O Mundo de Tainá – uma aventura em Tupituguês*. Ilustrações Isabel de Paiva. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.
- MACHADO, Ana Maria. *Histórias à brasileira – a moura torta e outras*. Ilustrações Odilon Mores. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A princesa que escolhia*. Ilustrações Mariana Massarani. São Paulo: Alfaguara, 2012.
- MARTINS, Georgina da Costa. *O Menino que Brincava de Ser*. Ilustrações Pinky Wainer. São Paulo: DCL, 2000.
- MEDEIROS, Maria Augusta. *Cores em Cordel*. Ilustrações de Gilberto Tomé. Goiás: Formato, 2015.
- MELLO, Roger. *A pipa*. Rio de Janeiro: Rouville, 2011.
- MORAES, Odilon. *Pedro e lua*. São Paulo: CosacNaify, 2006.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de Queirós. *De Letra em Letra*. Ilustrações Elisabeth Teixeira. São Paulo: Moderna, 2004.
- ROCHA, Ruth. *O patinho feio*. Ilustrações Avelino Guedes. Salvador: Salamandra, 2010.
- RYLAN, Cynthia. *A velhinha que dava nome às coisas*. Ilustrações Kathryn Brown. Tradução Gilda Aquino. São Paulo: Brinque Book, 2013.
- SANDRONI, Laura; MACHADO, Luiz Raul. (orgs.) *Grandes poemas em bocas miúdas*. Rio de Janeiro: Arte Ensaio, 2002.

recebido em 17 maio 2017 / aprovado em 26 jun. 2017

Para referenciar este texto:

NAVAS, D. Novos caminhos para novos leitores: breve panorama da literatura contemporânea brasileira para crianças pequenas. *Dialogia*, São Paulo, n. 26, p. 51-68, maio/ago. 2017.